

Experiências de Jornalismo Antirracista no Nordeste: um Estudo de Caso sobre o Portal Negrê¹

José Fernando Barbosa de AZEVÊDO²

Maria Luiza de Lima e Silva FIGUEIREDO³

Alice Oliveira de ANDRADE⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a contribuição dada pelo site Negrê para a luta antirracista através da comunicação, uma vez que visa produzir conteúdo comprometido com a agenda étnico-racial que se distancie de lógicas subalternizantes. O site também possui um recorte regional, visando articular essas duas matrizes socioculturais a uma prática comunicacional mais inclusiva. Como caminho metodológico, desenvolvemos um estudo de caso aliado à pesquisa bibliográfica. Como resultado central, destacamos que o Negrê colabora com a luta antirracista ao abordar discursos que perpassem um viés de raça e regionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: mídia negra; jornalismo antirracista; Nordeste; estudo de caso.

INTRODUÇÃO

A prática de um jornalismo antirracista representa os esforços empreendidos por pessoas negras desde a imprensa abolicionista até o contexto atual de expansão de mídias negras nas plataformas digitais. Nesse sentido, o Fórum Permanente pela Igualdade Racial (FOPIR) define as mídias negras como “espaços de comunicação social produzidos por pessoas negras que tratam de pautas e temas sobre a vivência das pessoas negras e sobre a luta contra o racismo” (FOPIR, 2020).

Assim, este estudo de caso consiste em uma pesquisa sobre o site Negrê (<https://negre.com.br/>), investigando de que forma esse veículo de comunicação contribui para o combate ao racismo. O portal Negrê, lançado em 2020, desponta como

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, email: fernando.azevedo.123@ufrn.edu.br

³ Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, email: malualuiza2019@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora substituta do Departamento de Comunicação Social da UFRN, email: aliceandrade@live.com

uma das primeiras ferramentas de jornalismo antirracista da região e busca combater o racismo e, a partir de um recorte regional, a xenofobia contra nordestinos.

Contando com a colaboração de comunicadores e profissionais de diversas áreas engajados na luta antirracista, como os colunistas Ana Paula Holanda, cientista social e mestra em Sociologia; o historiador Gabriel Cabral; e a assistente social Larisse Santos, o veículo está presente em diversas plataformas digitais, no X (ex-Twitter), Instagram, Facebook, TikTok e LinkedIn, além de seu site. Os conteúdos do Negrê direcionam seu foco às pautas raciais relacionadas ao Nordeste.

Nessa perspectiva, o Negrê também se mobiliza pela visibilidade da cultura preta em suas variadas manifestações, trazendo à tona aspectos que permeiam suas expressões artísticas, e pela acessibilidade da população negra à ciência de oportunidades de capacitação e estudo, fomentado seu interesse pelo desenvolvimento intelectual e melhoria de qualidade de vida (Negrê, 2023).

Além disso, são percebidos quatro atributos que fundamentam o exercício do veículo (Negrê, 2023): o lema “unir modos de ver, ser, sentir, e escrever sobre questões raciais”; a função “nosso portal de notícias e mídia negra nordestina amplifica vozes negras e seus múltiplos olhares, pois somos pretos nordestinos e diversos”; o princípio “jornalismo negro, ancestral e antirracista”; e o compromisso de “contribuir na luta contra a colonização, o racismo, a xenofobia e as demais opressões [...], na imprensa e no mundo, enquanto agente catalisador de debates essenciais”.

Desse modo, faz-se viável um olhar atento quanto à produção e à conduta midiática exercida pelo Negrê à luz do estudo das mídias negras, a fim de identificar sua relevância e suas contribuições dentro desse cenário, constituído, conforme Jonas Pinheiro (Negrê, 2023), por uma ampla possibilidade de produções, alavancadas pelas permutas configuracionais acionadas pelas mudanças sociais e culturais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza o estudo de caso e a pesquisa bibliográfica como abordagens metodológicas. No primeiro método, “o caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas” (Severino, 2013, p. 105). Já a pesquisa bibliográfica “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas

anteriores, em documentos [...] Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores” (Severino, 2013, p. 106).

Para a construção desta investigação, pesquisamos por mídias negras no Nordeste e vimos que o Negrê se autodeclara a primeira mídia negra nordestina (ao longo da pesquisa, descobrimos que já existiam duas anteriores). Após selecionarmos esse veículo, focamos na autodeclaração da seção “Sobre o Negrê” e navegamos pelo portal, analisando a hipótese de que o site contribui para a luta antirracista no Nordeste.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fundado pelas jornalistas cearenses Larissa Carvalho e Sara Sousa, o portal Negrê é um veículo jornalístico digital que reúne as vozes de jornalistas do Nordeste. Nesse sentido, possui atualmente cinco editorias em seu menu: “Notícias”, “Olhares”, “Pretarte”, “Narrativas” e “Black Nordeste”, além dos espaços “Sobre” e “Especiais”, em que está presente uma série de reportagens chamada *África Sustentável*.

Na sua projeção inicial, [o portal Negrê] pretendia centralizar a agenda em pautas locais, abordando apenas o Ceará. Após a experiência de trabalho na África do Sul e a movimentação no Twitter pela hashtag #BlackTwitterNordestino, iniciada por Stephany Souza, Larissa percebeu que há muitas pessoas no Nordeste que discutem questões raciais, embora muitas vezes o debate fique centralizado no Sudeste (Andrade, 2023, p. 149).

O site se autointula a primeira mídia negra do Nordeste, apesar de dois outros veículos – Ceará Criolo, no Ceará, e a Revista Afirmativa, na Bahia – já existirem à época do lançamento (Andrade, 2023). Cabe salientar que o portal foi idealizado em 2018 como resultado de um trabalho de conclusão de curso, mas foi lançado no atual formato em 18 de julho de 2020, dia em que seria comemorado o aniversário do ativista e ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela (1918-2013). O cenário era “de efervescência do debate racial no Brasil e no mundo, além do recrudescimento das desigualdades da população negra no contexto pandêmico” (Andrade, 2023, p. 150).

Na editoria de *Notícias*, há as seções: Reportagem; Arquivo Negrê, com matérias sobre história; Radar Negro, com textos sobre oportunidades; Améfrica e Diásporas; Mundo e Atlântico. Isso porque, apesar do recorte regional e de ser uma mídia brasileira, o site também traz notícias da África, visando desconstruir estereótipos sobre o continente.

Tem aquele discurso de guerra, miséria, e não é por aí. Então, a gente tá buscando desconstruir esses discursos, com relação a várias questões do negro brasileiro, o discurso que a mídia retrata o negro no Brasil, como a mídia retrata a África, como as pessoas retratam o Nordeste do Brasil, também, que é invisibilizado pela xenofobia, infelizmente (Carvalho, 2020 *apud* Andrade, 2023, p. 306).

Em *Olhares*, os textos opinativos e editoriais trazem diversos assuntos a respeito da negritude. Em *Pretarte*, são apresentados músicas, filmes, séries e livros com autoria de pessoas negras e/ou personagens negros. A editoria *Narrativas* apresenta histórias de vida. Já *Black Nordeste* traz notícias dos nove estados nordestinos, divididos cada um em um espaço.

Dessa forma, o portal amplia os debates sobre a negritude e as possibilidades de olhar para esse universo, para as pessoas racializadas como produtoras, idealizadoras e aptas a fazer o que quiserem. Para Andrade (2023, p. 25), as mídias negras “visam romper com o imaginário coletivo”, elaborado a partir dos discursos da mídia hegemônica, “a partir da produção de novas cadeias de visibilidade. Nestas, pessoas negras não são vistas apenas pela ótica da dor e da subalternização, e sim mostradas em condição de empoderamento, autoestima e potência”.

Com o advento da internet, o espaço digital se torna possibilidade de difundir e amplificar o alcance dessas narrativas contra hegemônicas, que apesar de presentes nos espaços institucionais de poder, ainda estão em posição desigual de legitimidade e circulação (Fontana, 2021, p. 150).

Mas, apesar de as mídias negras estarem sendo amplificadas nas plataformas digitais, a luta contra o racismo na imprensa faz parte de um processo histórico que remonta ao século XIX, aponta Pinheiro (2019, p. 56): “Ao longo da história do Brasil a imprensa se constitui como espaço de enfrentamento ao desenvolvimento do racismo na nossa estrutura social”, sendo que a imprensa negra “participa de parte considerável da história destes povos, mesmo quando ainda vigorava a escravização no país”.

Conforme Pinheiro (2019, p.12), “o principal motivador das mídias negras ao longo de sua história é o processo estrutural de subjugação do povo negro a partir do racismo”. Já Almeida (2019, p. 41) afirma que o “racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional”. Um imaginário social permeado por racismo tem sido combatido por meio das mídias negras, segundo Pinheiro (2019, p.34),

pois “a imprensa e as mídias negras são algumas destas estratégias que visam a este deslocamento nas estruturas de poder, e que tendem a conquistar espaço para as suas pautas e lutas, diante dos processos de dominação”.

A partir dessas discussões, nota-se que as mídias negras desempenham um papel fundamental na luta contra o racismo ao utilizarem a comunicação como ferramenta para (re)construir as perspectivas a respeito dos povos negros. Em suas narrativas, questionam estereótipos racistas e promovem uma visão mais autêntica e inclusiva da experiência negra no mundo, além de oferecerem um contraponto ao discurso dominante que perpetua a discriminação racial. No caso do portal analisado, alia-se a isso o aspecto regional, pois o Negrê busca retratar as complexidades da identidade regional e suas contribuições culturais vinculadas à questão racial, lugar demarcado por sua autodeclaração como “mídia negra nordestina” em sua seção de apresentação.

CONCLUSÃO

Conforme os resultados da pesquisa aqui apresentados, conclui-se que o portal Negrê amplia os debates sobre os temas que se propõe a discutir, contribuindo para a luta antirracista por meio de um jornalismo engajado. Com efeito, o Negrê é uma mídia negra nordestina que exerce o papel informante e conscientizador no tocante às questões raciais, visto que apresenta dados e notícias quanto à negritude nordestina de forma integrada aos objetivos incentivadores ao desenvolvimento do grupo, a partir da apresentação de histórias que contenham caráter inspirador.

O site Negrê desempenha um papel fundamental na construção de um jornalismo antirracista, pois produz um conteúdo dedicado à amplificação de vozes negras e à abordagem de questões relevantes para seu público-alvo. Através de reportagens, artigos, colunas e ensaios, o Negrê não apenas expõe e denuncia manifestações de racismo, mas também promove uma narrativa que destaca as contribuições e as lutas do povo negro, colaborando para a construção de novas formas de visibilidade e representação negra.

Portanto, enquanto mídia negra, é notável a contribuição do Negrê para o delineamento de práticas de comunicação antirracista. Isso é feito tanto pela agenda jornalística, em que pessoas negras produzem conteúdos com foco na luta contra o racismo, quanto pela diversidade de produção, que abrange um repertório completo de

formas e linguagens possibilitadas por transformações sociais e culturais. O Negrê compõe, assim, um cenário midiático étnico-racial que enxerga na comunicação uma ferramenta potente para a construção de novos caminhos possíveis para pessoas negras no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

ANDRADE, A. O. de. **Aquilombamento virtual midiático: uma proposta teórico-metodológica para o estudo das mídias negras**. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/54903/1/Aquilombamentovirtualmidiatico_Andrade_2023.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.

FONTANA, L. da S. **O Discurso do Colorismo no Brasil: Processos de racialização e genderização nos dizeres da identidade nacional e das mídias negras**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=507903>. Acesso em 19 mar. 2024.

FÓRUM PERMANENTE PELA IGUALDADE RACIAL. **Mapeamento da mídia negra no Brasil**. 2020. Disponível em: https://fopir.org.br/wp-content/uploads/2020/08/ebook_mapeamento_da_midia_negra-1.pdf. Acesso em: 5 mar. 2024.

NEGRÊ. **Sobre o Negrê**. 2023. Disponível em: <https://negre.com.br/sobre/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

PINHEIRO, J. de J. **Alma Preta e Afirmativa: Experiências Contemporâneas de Mídias Negras na Luta contra o Racismo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Jonas_MIDIAS_NEGRAS_ALMA_PRETA_E_AFIRMATIVA.pdf. Acesso em 27 mar. 2024.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: http://biblioteca.isetem.ac.mz/bitstream/123456789/280/1/Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.